

TRIBUTO A JK

Brasília, 7 de outubro de 2009

Arquivo Memorial JK

O HOMEM QUE OUSOU ENXERGAR LONGE

Muitos foram contra, outros tantos tentaram barrar o que consideravam um delírio de um presidente com mania de modernidade. Contrariando as adversidades, Juscelino Kubitschek construiu no Planalto Central o símbolo de seu governo, a cidade que representava em cada traço um novo Brasil. Criada a partir de ideias arrojadas, Brasília sintetiza ainda os planos do homem que passou para a história como um dos maiores estadistas brasileiros. Prestes a completar 50 anos, a capital é hoje reflexo do sonho que o mineiro de Diamantina tornou realidade na manhã de uma quinta-feira histórica, 21 de abril de 1960.

O presidente
no submarino
Humaitá, em 1957

CORREIO BRAZILIENSE

JK

Arquivo CB/D.A. Press



JK e Niemeyer: parceria que começou na capital mineira e deu origem a Brasília

Com a força de um furacão

O período entre 1940 e 1955 marca a consolidação política de Juscelino Kubitschek. A ascensão começa com o bem-sucedido trabalho à frente da prefeitura de Belo Horizonte

"Brasília nasceu em Pampulha"
Oscar Niemeyer

Escolas e indústrias

No período em que governou Minas Gerais, JK mandou construir 120 postos de saúde, 137 escolas e 251 pontes. Também foi o responsável por trazer para o estado — mais especificamente para Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte — a siderúrgica do grupo alemão Mannesmann.

Depois de ter deixado para trás a carreira como médico do Exército e um mandato como deputado federal, Juscelino Kubitschek precisou de pouco mais de 15 anos para ganhar o Brasil e chegar à Presidência da República. Entre a posse como prefeito de Belo Horizonte, em 1940, e a eleição que o levou ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, em 1955, JK construiu no imaginário dos brasileiros a figura de um governante ousado e moderno. E começou a trilhar o caminho que o levaria a erguer Brasília.

Tão logo assumiu a prefeitura mineira, contratou o arquiteto Oscar Niemeyer para projetar o bairro da Pampulha, idealizado basicamente para atrair o turismo para Belo Horizonte. A ideia englobava a construção, em torno de um lago artificial, de um conjunto de edifícios, um cassino, uma igreja, um hotel, um clube e uma casa de baile. "Brasília nasceu em Pampulha" é uma das frases famosas de Niemeyer. Fronteira em nove meses, a obra seria uma das marcas da gestão de Juscelino, que criou ainda um programa de restaurantes populares e reformou, pavimentou e construiu dezenas de avenidas e o Hospital Municipal no Bairro da Lagoinha. O bem-sucedido trabalho à frente da prefeitura rendeu-lhe o apelido de "prefeito furacão".

Eleito, em 1945, deputado federal para a nova Assembleia Nacional Constituinte, participou ativamente, ao lado de políticos como Tancredo Neves e Benedito Valadares, da elaboração da nova constituição.

Durante o mandato como parlamentar, o diamantinense ficou afastado das funções executivas. Ainda assim, os frutos da administração em Belo Horizonte foram duradouros o suficiente para garantir a candidatura de JK ao governo de Minas Gerais, em 1950. Guiado pelo lema energia e transporte, ele foi consagrado nas urnas e promoveu intensas mudanças no estado. **As realizações** não se restringiram aos dois eixos centrais defendidos na campanha. Puderam ser vistas também nas áreas da educação, da saúde, da agricultura e da pecuária.

Os resultados alcançados no comando de um dos estados mais importantes do país renderam as credenciais para que o Partido Democrático (PSD) lançasse seu nome para concorrer à Presidência da República, em 1955. Apesar de ter vencido no voto uma disputa acirrada, JK ainda precisou enfrentar alguns percalços até assumir o legítimo direito de governar o Brasil. Eleito para fazer o Brasil avançar "50 anos em 5", Juscelino tomou para si a tarefa de tirar do papel a antiga democracia constitucional de mudança da capital federal para o interior do país.

JK

Antes de tornar-se presidente, JK tem o mandato ameaçado. Ao assumir o posto, anuncia medidas para modernizar o país — como a mudança da capital para o Planalto Central

Arquivo/Agência O Dia



Em 1956, Juscelino toma posse: João Goulart é o vice-presidente

Um democrata no poder

36%
Falta do eleitorado conquistado por JK nas eleições presidenciais de 1955

"Se acredito ou não, é outra história. O certo é que no dia 21 de abril, colocarei minha bagagem num automóvel, e quem quiser que me acompanhe"

Juscelino Kubitschek

Em 1955, o inconformismo dos opositores com a vitória de JK — com 3.077.411 votos, ou 36% do total — e a tentativa de anular as eleições deram origem a uma disputa nos tribunais. Derrotados nas urnas e na Justiça, os inimigos políticos do presidente eleito articularam um golpe para impedir a posse. Articulado por Carlos Luz, Carlos Lacerda e pelo general Jurandir de Bizarria Mamede, o levante acabou frustrado com a energia ação do então ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, que promoveu um contragolpe para assegurar a ordem e o cumprimento da lei. Desfeitas as ameaças, em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira foi finalmente empossado presidente do Brasil.

Quase de imediato, o país começou a respirar novos ares. Depois de 15 anos da ditadura de Getúlio Vargas, o fim da censura à imprensa apontava para um novo tempo, em que um audacioso Plano de Metas pretendia modernizar e industrializar o Brasil rural. Sem esquecer do compromisso assumido durante a campanha, em um comício na cidade de Jataí (GO), JK apresenta ao Congresso Nacional, em 8 de abril de 1960, o projeto de lei que prevê a transferência da capital federal para o Planalto Central. Aprovada e sancionada em 19 de setembro, a Lei

nº 2.874 estabelece a transferência e cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap).

Apesar de ter recebido carta branca dos parlamentares para tocar a obra, JK foi pego de surpresa quatro dias depois por um detalhe: a Constituição Federal dava ao Parlamento e não a ele a prerrogativa de determinar a data da inauguração da capital. O dia 21 de abril de 1960, que mais tarde entraria para a história, foi sugerido pelo deputado Emival Caiado. Pelo país, que ainda vivia sob o fantasma dos golpistas, corriam boatos de que, caso não fosse concluída durante o governo JK, a transferência da capital jamais aconteceria.

O prazo de pouco mais de três anos para a construção da nova sede administrativa do país soava improvável. Levando-se em conta que o chefe da empreitada tinha ainda como missão a tarefa nada simples de governar e desenvolver o Brasil, o cumprimento da meta tornava-se um desafio quase impossível. "Hoje é o dia mais feliz da minha vida. O Congresso acaba de aprovar o projeto para a construção de Brasília. Sabe por que o projeto foi aprovado? Eles pensam que não vou conseguir executá-lo", declarou Juscelino. Naquele dia, começou a germinar, ainda que longe do certado, a semente que daria origem ao mais ousado dos planos de JK.

JK

Mário Fontenelle/Arquivo Público do DF



JK na Fazenda do Gama, em 1956

Da solidão à alvorada

Dias depois da sanção da lei que previa a construção de Brasília, o presidente e sua comitiva pisam a imensidão do Planalto Central e descobrem o desafio que terão pela frente

Vamos pra Brasília

"Está na hora, Emília, é agora, Emília, deixa o Rio, vem comigo pra Brasília. A ideia não é má, nasceu de JK. Então vamos pra lá, que vai ser um chá, oi!"

Martha de Sebastião Gomes, Átila Bezerra e Valdir Ribeiro para o carnaval de 1958

A chegada do presidente JK para visitar pela primeira vez a região onde seria construída Brasília mostrou aos integrantes da pequena comitiva que o acompanhava o tamanho do desafio que todos teriam pela frente para tornar real o que determinava a Lei nº 2. 874. Em 2 de outubro de 1956, o DC-3 da Força Aérea Brasileira pousou em uma pista improvisada, aberta pelo vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, no local em que seria erguida a nova capital. Em meio ao cerrado, que mais parecia um deserto, a Fazenda do Gama abrigava os únicos moradores da região.

O primeiro destino do grupo foi à área reservada para a construção do Catechinho, localizado a cerca de 500m da fazenda. Felizes com a presença do presidente, os donos da propriedade convidaram Juscelino e a comitiva, formada por militares e técnicos do governo, para um café. Menos de 15 dias depois de sancionada a norma que determinava a construção da nova capital no Planalto Central brasileiro, em meio a porcos e galinhas, os homens de ternos alinhados puderam ter uma ideia do trabalho que os esperava.

Antes de voltar ao Rio, o presidente conheceu a nascente d'água que seria destinada a abastecer o Catechinho. A fonte serviria mais tarde de inspiração para a canção *Água de beber*, clássico da bossa nova composto por Tom Jobim e Vinícius de

Moraes. Em visita ao canteiro de obras da cidade, em 1959, a dupla escreveu letra e música depois de conhecer o pequeno riacho. Hospedados no palácio de madeira a convite do presidente e com a tarefa de compor uma sinfonia para a inauguração de Brasília, Tom e Vinícius, certa noite, após o jantar, saíram para dar um volta nas proximidades do Catechinho quando ouviram o barulho da feng. Pungentaram ao vigia do local de onde vinha aquele som e o homem respondeu: "Ó, camará, isso é água de beber, que tem ali, camará".

A passagem pela cidade marcou a carreira da dupla, assim como o primeiro contato com as terras da nova capital ficou guardado na memória e no coração de JK. Anos mais tarde, o presidente registrou suas impressões sobre a visita. "Desto Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino."

A área, que à época pertencia ao município de Luziânia (GO), faz parte hoje do território do Distrito Federal e engloba as regiões administrativas do Gama e de Santa Maria. Depois de longo processo, a casa que recebeu JK para um cafezinho foi tombada como Patrimônio Histórico Nacional em março de 2006 e restaurada no ano seguinte.

JK

Ao longo de pouco mais de três anos, gente de todo o país finca pé no cerrado e põe em prática o ideal de JK. O presidente visita as obras de duas a três vezes por semana

Canteiro de sonhos

As obras de construção de Brasília começaram em fevereiro de 1957. Em sua mensagem de ano-novo, JK destacou aos brasileiros os obstáculos que começariam a ser debelados naquele ano para garantir a transferência da capital. "A fundação de Brasília é um ato político cujo alcance não pode ser ignorado por ninguém. É a marcha para o interior em sua plenitude. Vamos erguer no coração do nosso país um poderoso centro de irradiação de vida e de progresso. Se e medi todas as consequências dessa mudança", afirmou, otimista.

Nesse período, o presidente fazia de duas a três visitas semanais para inspecionar os trabalhos. JK costumava sair do Rio de Janeiro à noite e desembarcar na cidade de madrugada. Em muitas oportunidades, retornava ao Palácio do Catete antes do amanhecer. Já em outras, trocava o luxo da sede do governo pelo alojamento de madeira, que o hospedou até a inauguração do Palácio da Alvorada, em junho de 1958.

O ritmo acelerado das obras surpreendeu os críticos do projeto e empolgava aqueles que vinham ao Planalto Central acompanhando com uma nova vida. Em apenas dois meses, ficou pronto o aeroporto da nova capital, com di-

reito a um moderno terminal de passageiros e a extensa pista pavimentada. Nesta época, também ficou pronto o Hotel Brasília, que já oferecia 40 quartos aos visitantes.

Multiplicavam-se os acampamentos de construtores e a Cidade Livre expandia-se em ritmo acelerado para conseguir atender ao enorme número de trabalhadores — apelidados de candangos — que desembarcavam diariamente em busca de uma oportunidade. Grande parte vivia em estados do Nordeste, fugindo da falta de trabalho e da seca. Mas havia também muitos goianos e mineiros.

O esforço coletivo fazia a cidade planejada sair aos poucos do papel, com a definição detalhada dos espaços destinados aos prédios públicos, ao lazer e à moradia. Em junho de 1957, um levantamento revelou a existência de 92 estabelecimentos comerciais. Entre eles, 30 de secos e molhados, 15 de tecidos e armariños, nove restaurantes e uma papeleria. No mesmo ano, foi inaugurado o Hospital do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (Iapi), o primeiro da capital, com capacidade de 50 leitos, e a edificação do prédio do Congresso Nacional. Nos mil dias de sua construção, Brasília foi um canteiro de obras, de oportunidades e de sonhos.

1 mil

Marcha de duração, em dias, das obras de Brasília

92

Número de estabelecimentos comerciais da Cidade Livre em 1957

"Começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores (...) foram chegando em sua saúde cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias"

Vinícius de Moraes e Antonio Carlos Jobim em Brasília, Sinfonia da Alvorada

O presidente acompanha as obras da nova capital: em muitas ocasiões, chegou à cidade de madrugada



JK

JK e Lucio Costa: o urbanista encantou o presidente ao conceber uma cidade para carros

Linhas revolucionárias



Mário M. Fontinelle/Reprodução

Com dois eixos dispostos em cruz, Lucio Costa traçou Brasília e causou polêmica no concurso que decidiu o planejamento urbanístico da cidade. Agradou, porém, ao presidente JK

Em 1957, Oscar Niemeyer já estava escalado para tocar o projeto arquitetônico, a data para a inauguração já estava definida e o presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), Israel Pinheiro, devidamente empolgado. Para que Brasília começasse a adquirir ares de realidade, faltava apenas um projeto urbanístico. Um concurso nacional, lançado pelo governo federal e coordenado pelo arquiteto, buscou entre 26 trabalhos aquele capaz de refletir o ideal que movia a grandiosa empreitada.

"O projeto que melhor integra os elementos monumentais na vida cotidiana da cidade, como capital federal, de essência urbana — uma obra de arte — é o de número 22, do senhor Lucio Costa", declarou o júri do concurso em 16 de março ao anunciar o trabalho vencedor. Com a simplicidade de quem

marca em um mapa um x para identificar a localização de um tesouro, aos 55 anos, o brasileiro (que estava em Toulon, na França), venceu a disputa e viu sua ideia ganhar vida com a cidade sendo organizada em torno de dois eixos dispostos em cruz.

O fundador da moderna arquitetura brasileira recebeu críticas ferozes dos colegas derrotados, que viam apenas rabiscos na cidade planejada para integrar quatro escalas urbanísticas — a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica — e promover o encontro de locais simbólicos, representados pelos prédios públicos, com espaços cotidianos, como parques e jardins, e com as superquadras. Os três anos de trabalho duro na construção de Brasília ajudaram Lucio Costa a distrair-se um pouco da tristeza que teve pela morte da esposa, Julieta, vítima de um acidente automobilístico, em 1954.

Em várias de suas visitas para vistoriar o andamento das obras, Juscelino ouviu atentamente as explicações de Lucio Costa a respeito do Plano Piloto. Entre outros pontos, parte do encantamento do presidente com o projeto da cidade se deu pelo fato de o arquiteto e urbanista ter conseguido conceber uma cidade para os carros, ideia que ia ao encontro de outra obsessão de JK: o desenvolvimento da indústria automobilística no Brasil. "Capital marcante, inovadora. Cidade com o sentido de mudanças, grandeza e modernidade, tradução arquitetônica do projeto transformador de Kubitschek", observou William Holford, arquiteto inglês que integrou o júri responsável pela escolha do projeto do Plano Piloto e cuja compreensão do projeto, segundo o próprio Lucio Costa, foi decisiva para que ele vencesse o concurso.

26
Número de trabalhos participantes do concurso para eleger o projeto urbanístico de Brasília

"Digam o que quiserem, Brasília é um milagre"

Lucio Costa, arquiteto e urbanista

JK

José Góes/Divulgação



A menina dos olhos

Visitas de políticos e artistas às obras de Brasília dão reconhecimento internacional à empreitada de JK

O plano de transferência da capital para o vazio Centro-Oeste do país foi criticado ao longo dos anos de construção da cidade, mas o ritmo das obras foi calando aos poucos os detratores do projeto. Orgulhoso com os resultados e aproveitando ainda para alfinetar os desafetos, Juscelino Kubitschek passou a convidar visitantes ilustres para apresentar a cidade inventada. Em 1958, o presidente norte-americano Dwight Eisenhower percorreu diversas obras ao lado de JK, foi até o marco zero da cidade e visitou o terreno onde seria construída a Embaixada dos Estados Unidos.

Em maio de 1959, apenas quatro meses após tomar o poder em Cuba, Fidel Castro foi recebido em Brasília. A fama de falatório do comandante foi confirmada por JK no livro 50 anos em 5. "Sentados na biblioteca do Palácio da Alvorada, tentei um diálogo (...), mas não consegui. Fidel Castro não compreende o diálogo. É homem de monólogo. Falou durante duas horas seguidas, quase sem tomar fôlego", registrou. Quando seguiam num helicóptero rumo ao aeroporto, algo finalmente conseguiu calar o cubano, como relembra em outro trecho. "Brasília, contudo, tivera o efeito de trazê-lo de volta ao chão. Contemplou-a outra vez, longamente e disse-me,

quase com unção na voz: 'É uma felicidade ser jovem neste país, presidente'. Fez-se, então, um longo silêncio entre nós."

Intelectuais como o filósofo francês Jean-Paul Sartre, o escritor Aldous Huxley e o ator David Niven — ambos ingleses — também se empolgaram com a cidade. Emocionado, o então ministro da Cultura da França, André Malraux, declarou durante o passeio: "Esta é a capital da esperança". O presidente da Itália, Giovanni Gronchi, e o primeiro-ministro japonês, Nobusuke Kishi, conheceram o Palácio da Alvorada. "Senti-me profundamente impressionado pela grandiosa construção de Brasília, como símbolo da crescente vitalidade do Brasil jovem", relatou Kishi.

Governadores, prefeitos, parlamentares, jornalistas, militares, médicos e até desafetos do presidente são convidadas a visitar a futura capital. Em 24 de junho de 1957, chega à cidade, pela primeira vez, a primeira-dama Sarah Kubitschek, que voltou outras vezes para acompanhar o andamento do sonho do marido. A esposa de JK, acompanhada das filhas Márcia e Maria Estela, tomariam, em definitivo, seu lugar no Palácio do Planalto na véspera da inauguração de Brasília, na noite de 20 de abril de 1960.

"Esta é a capital da esperança"

André Malraux, ministro da Cultura da França

Arquivo CB

“O espírito de Brasília é tudo que há de contrário ao derrotismo sistêmico”

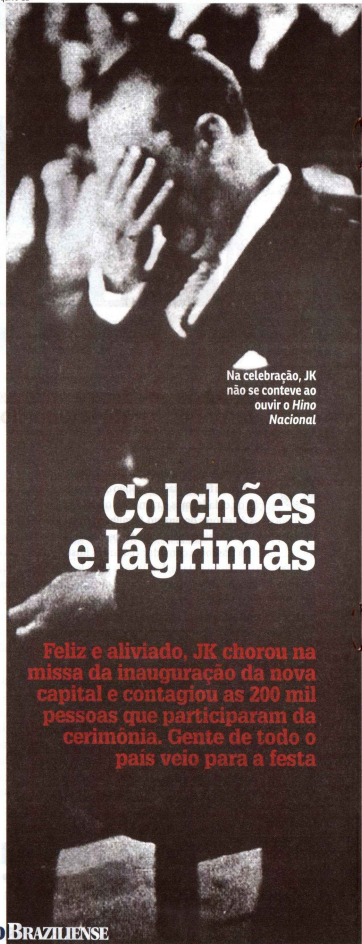
Israel Pinheiro

Uma missa campal, realizada em um altar montado na Praça dos Três Poderes, deu início à solenidade de inauguração de Brasília. Iniciada no fim da noite de 20 de abril, a cerimônia religiosa foi encerrada aos 20 minutos de 21 de abril de 1960 e levou o presidente Juscelino às lágrimas. Conhecido por ser um homem contido, ele entregou-se ao momento, num misto de alegria e alívio. Ao ouvir os primeiros acordes do *Hino Nacional*, tocado pela Banda dos Fuzileiros Navais, chorou até soluçar. Luzes coloridas, projetadas por potentes holofotes, faziam festa no céu da cidade. A filha Maria Estela comentou anos mais tarde só ter visto o pai chorar na morte de parentes e na inauguração da capital.

Mais cedo, por volta das 17h, JK havia recebido das mãos do presidente da Novacap, Israel Pinheiro, a chave da cidade, feita de ouro. Juscelino agradeceu ao amigo e aproveitou para ressaltar a magnitude do trabalho realizado pelos candangos. “Os que duvidavam desta vitória; os que procuraram impedir a ação; os que desmandaram em palavras contra essa cidade desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam”, disse. “Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da história os que não compreenderam e não amaram essa obra”, continuou.

Duzentas mil pessoas — na maioria, familiares e amigos dos candangos — participaram da missa, transmitida pelas ondas do rádio para grande parte do país e celebrada pelo cardeal-patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira. Também por meio do rádio, o papa João 23 também abençoou, em português, a cidade, que estava lotada. Os hotéis quase não conseguiram atender aos pedidos por camas extras. Prevendo a grande procura por leitos, uma semana antes da inauguração, a Novacap distribuiu aos moradores 20 mil colchões para garantir a hospedagem dos visitantes que vieram participar das comemorações. A cidade feita para o automóvel foi finalmente invadida por carros, caminhões e ônibus, que, apinhados, levavam os brasileiros para conhecer a nova capital.

A emoção de Juscelino contagiou a multidão, muitos choraram com ele. Os médicos Aluísio Salles e Carlos Teixeira monitoraram atentos as reações do presidente que, um ano antes, tivera um enfarto, fato que não vazou para o público à época. Recompuesto, ele pôde desfrutar da sensação de dever cumprido e testemunhar o começo de um novo tempo para o Brasil.



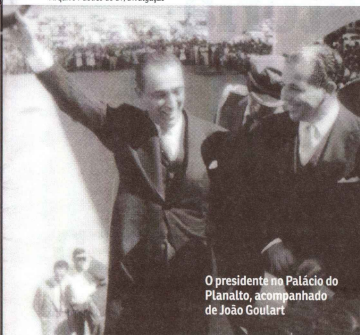
Na celebração, JK não se conteve ao ouvir o *Hino Nacional*

Colchões e lágrimas

Feliz e aliviado, JK chorou na missa da inauguração da nova capital e contagiou as 200 mil pessoas que participaram da cerimônia. Gente de todo o país veio para a festa

Cidade em êxtase

Arquivo Público do DF/Divulgação



O presidente no Palácio do Planalto, acompanhado de João Goulart

“Só o Nonô mesmo seria capaz de fazer tudo isso”

Júlia Kubitschek, mãe de JK, no dia da inauguração de Brasília

No coração do país, houve celebração durante praticamente todo o 21 de abril de 1960. Emocionado, o presidente pediu aos pais que falassem aos filhos sobre a importância da data

10 mil

Número de candangos que desfilaram pelo Eixo Monumental em 21 de abril de 1960

20

Quantidade, em toneladas, de fogos de artifício usados na grande noite

JK

A inauguração da nova capital se confunde com a de seu meio de comunicação impresso mais influente. O Correio Braziliense tomou emprestado o nome do primeiro jornal do país

Testemunha da história

Keffler Filho/D. Cruzero/EM/D.A. Press



Com Assis Chateaubriand, quatro anos antes da inauguração de Brasília

Uma cidade construída em pouco mais de três anos e um jornal estruturado em menos de um. Inaugurados no mesmo dia, Brasília e o Correio Braziliense misturam suas histórias há quase 50 anos. Em um encontro com Juscelino Kubitschek, no segundo semestre de 1959, o empresário da comunicação Assis Chateaubriand lançou um desafio ao presidente. “Se o senhor inaugurá-la mesmo no dia 21 de abril (de 1960), saiba que lá encontrará um jornal associado.” A pedra fundamental do prédio que abriga o jornal teve lançamento em 12 de setembro, data em que o presidente comemorou 57 anos.

JK cumpriu sua parte no acordo. Chatô também. E fez mais: estruturou a TV Brasília. No dia combinado, o Correio Braziliense circulou pela primeira vez, em uma edição histórica, com 124 páginas. A decisão de retornar o título do primeiro jornal brasileiro, criado em 1808 por Hipólito José da Costa, surgiu depois que foram encontrados relatos do fundador da publicação amplamente favoráveis à transferência da capital federal para o interior do Brasil.

As voltas com os preparativos da cerimônia de inauguração, o presidente não pôde comparecer à solenidade de lançamento do Correio, mas foi representado pela primei-

ra-dama, Sarah Kubitschek. “Assis Chateaubriand, pioneiro sempre, apanha a pena de Hipólito José da Costa. E o jornal, com outra roupagem, encimado pelo mesmo nome, espalhar-se-á pelo Brasil, levando a mensagem de Brasília, a mensagem de esperança a todos os recantos da pátria”, discursou a esposa de JK.

Seguindo novamente os passos da capital, a TV e o jornal ficaram prontos em tempo recorde. Foram 100 dias de muito trabalho para a construção de dois prédios. Hoje, o Correio é o jornal de maior circulação do Centro-Oeste, o mais influente do Distrito Federal e do entorno. “É papel do Correio Braziliense registrar a história de Brasília, estimular a população a debater seu destino, ao mesmo tempo em que defende os anseios dessa mesma população. O Centro-Oeste e o Brasil são outros graças a Juscelino”, avaliou o diretor de Comercialização e Marketing do jornal, Paulo César de Oliveira

Marques, no Tributo a JK. Promovido entre os últimos dias 25 e 30, o evento — uma iniciativa conjunta do Correio Braziliense, do BRB Cartões e do BRB Seguros — misturou exposição e shows de estrelas da MPB para dar início às comemorações do cinquentenário de Brasília e do jornal.

124

Número de páginas da primeira edição do Correio Braziliense

“Eis por que vos digo que o futuro imediato de Brasília será constituir-se em capital do Oeste do Brasil”

Assis Chateaubriand

JK

Depois de terminar o mandato de presidente, JK sonhava em voltar ao cargo. Não conseguiu: com a chegada dos militares ao poder, ele perdeu os direitos políticos



Capa do Correio Braziliense de 9 de junho de 1964

Os efeitos da tirania

Concretizado o sonho da inauguração da capital, Juscelino desfrutou da cidade nos últimos nove meses de seu mandato, já pensando em como voltaria para o Palácio do Planalto. Antes mesmo de deixar o cargo, foi eleito senador pelo estado de Goiás, mas viu seu candidato à Presidência, o marechal Henrique Lott, perder as eleições para Jânio Quadros, no que ficou conhecida como a Campanha da Vassoura contra a Espada. O governo de Quadros, que começou em janeiro de 1961, durou pouco e acabou com a renúncia do mandato, em agosto do mesmo ano.

Temendo que João Goulart — vice-presidente tanto no governo de JK quanto no de Quadros — tomasse posse, parlamentares conservadores e alguns membros das Forças Armadas orquestraram a alteração do regime político do país, do presidencialismo para o parlamentarismo. Devidamente aprovada, a medida tinha como objetivo limitar o poder do próximo chefe do Executivo. Jango assumiu a Presidência, mas, pressionado pela falta de amplo apoio no Congresso, pelas reivindicações dos setores trabalhistas e por mau resultados na economia, viu seu projeto para o país dar errado.

Em 1963, os brasileiros decidiram, por meio de um plebiscito, pela volta do presidencialismo. Com mais poder, Jango fez as derradeiras tentativas de implementar as reformas de base, principal item da agenda de governo, estruturadas em torno de mudanças nas questões agrá-

ria, educacional, tributária e administrativa. As propostas, classificadas de comunistas, iam na contramão do pensamento de setores conservadores da sociedade e de parte dos militares, que passaram a articular a queda de João Goulart.

Em 31 de março de 1964, um golpe derrubou o governo e instalou a ditadura militar no país. Pouco mais de dois meses depois, Juscelino também sentiria na pele as consequências do radicalismo. A força do ex-presidente já havia garantido a indicação do Partido Social Democrático (PSD) para que ele concorresse às eleições presidenciais. A campanha tinha até slogan: JK-65. Mas a pressão pela anulação de seus direitos políticos se tomou cada vez mais forte.

Avaliando sua cassação como inevitável, Juscelino Kubitschek subiu à tribuna do Senado Federal para um discurso histórico, em 3 de junho. “Este ato não marcará o fim do arbítrio. O vendaval de insânias arrastará na sua violenta arrancada mesmo os meus mais rancorosos desafetos. Um por um, eles sentirão os efeitos da tirania que ajudaram a instalar no poder”, disse, em tom profético. Cinco dias mais tarde, foi assinado o ato suspendendo seus direitos políticos por 10 anos. O documento acusava JK de corrupção. No Rio de Janeiro, o estadista deu a seguinte declaração ao Correio Braziliense: “Saibam os brasileiros que, daqui por diante, só não lhes falarei e só não me defenderem se fizerem silenciar a minha voz.”

Vitória esmagadora

Em 6 de janeiro de 1963, 11.531.030 eleitores, de um total de 18 milhões de pessoas aptas a votar, participaram do plebiscito. A vitória do presidencialismo foi esmagadora: 9.457.448 votos contra 2.073.582 favoráveis ao parlamentarismo

“Muito mais do que a mim, cassam os direitos políticos do Brasil”

Juscelino Kubitschek

JK

A ansiedade tomou conta de JK durante os quase três anos em que ficou exilado. E as duas visitas que fez ao Brasil nesse período não ajudaram a aliviar a alma

O maior dos castigos

"Deixo o Brasil porque esta é a melhor forma de exprimir meu protesto contra a violência", lamentou JK ao partir para o exílio, em 13 de junho de 1964. Durante 976 dias, o ex-presidente passou por Madri, Paris, Lisboa e Nova York. Em nenhuma das cidades, no entanto, conseguiu desligar a cabeça dos acontecimentos que o tiraram de seu país. Para ele, a vida simplesmente arrastou-se naqueles anos. "Não posso deixar de confessar que viver fora do país, sem saber quando será possível o regresso, é o castigo mais cruel imposto a um homem que só pensava no Brasil", escreveu a um amigo.

Em Lisboa, onde ficou durante quase um ano, trabalhou como executivo em uma construtora portuguesa. Hospedado no Hotel Ritz, todas as manhãs, Juscelino despachava com uma secretária especialmente selecionada para atendê-lo. A datilógrafa Susette Teixeira testemunhou momentos de frustração, saudade e angústia. "Ele me recebia inspirado e ansioso para desabafar os problemas que atormentavam a sua alma, por ditar os pensamentos que queria transmitir para o papel e que mais tarde fariam parte das suas memórias no livro que pretendia escrever", conta Susette.

O amigo Affonso Heliodoro, subchefe do Gabinete Ci-

vil da Presidência da República no governo JK, o visitou por três vezes em Paris e conta que o exílio foi muito mais que uma punição. "Juscelino, sentindo muita saudade, estava particularmente triste e quando o vi, ele estava com a cabeça encostada no vidro da janela, observando a chuva e a rua. Ele dava suspiros tão grandes que a minha impressão era de sua alma sair pela boca", relembra Heliodoro, que atualmente preside o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Dois tumultuados episódios trouxeram o ex-presidente de volta ao país. Em outubro de 1965, recebeu intimação para depor em um inquérito policial. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, militares o esperavam na escada do avião. Conduzido ao quartel da Polícia do Exército da Tijuca, prestou esclarecimentos sobre as atividades do Partido Comunista. Terminado o interrogatório, recebeu de imediato nova intimação e passou mais de 60 horas depondo. Liberado, JK não viu outra saída senão exilar-se novamente.

A segunda visita foi ainda mais dramática e aconteceu em 4 de junho de 1966, quando os militares autorizaram sua permanência no país, por 72 horas, para assistir ao funeral da irmã Naná, em Belo Horizonte. Voltou a Nova York três dias depois e ainda precisou esperar mais 10 meses até ser autorizado a retornar em definitivo.

"O exílio realmente machucou a alma de Juscelino. Não queria viver fora. Tinha planos e sonhos na cabeça e no coração"

Ronaldo Costa Couto, autor do livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*

JK embarca para o exterior: passagens por Madri, Paris, Lisboa e Nova York



CORREIO BRAZILIENSE

JK

Volta sem liberdade

Após retornar ao Brasil, JK participa de movimento pela redemocratização, que acaba sufocado pelos militares. Larga a política, mas nem por isso deixa de ser alvo da desconfiança do regime

Arquivo CB



O presidente visita o país antes de retornar definitivamente

O retorno definitivo de Juscelino ao Brasil só se deu em 9 de abril de 1967, quando se instalou no Rio de Janeiro. Apesar de temer represálias, intensificou as articulações da Frente Ampla ao lado do articulador João Goulart e do antigo maior adversário político, Carlos Lacerda, ex-governador do estado da Guanabara. O movimento, lançado ainda durante o exílio de JK e Lacerda na Europa, em outubro de 1966, buscava a redemocratização do país. Ao fim do encontro histórico, a dupla divulgou à imprensa um documento intitulado *Declaração de Lisboa*. "Quando a reunião terminou e os jornalistas se retiraram, estávamos cansados, mas felizes. Comei: 'Jogamos a bomba. Esperemos, agora, pela explosão'", lembrou o presidente.

Como era de se esperar, o regime agiu para conter os "agitadores", proibindo, no ano seguinte, qualquer atividade da Frente. Ao constatar a impossibilidade de reagir, Juscelino decidiu abandonar de vez a vida política e assumir o cargo de diretor-presidente do Banco Denasa de Investimentos, criado por seus genes. Apesar de ter cumprido a promessa, é afetado pela radicalização dos militares, com a edição do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968.

Na noite fatídica, Juscelino participava, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, da cerimônia de formatura de uma turma de engenharia, da qual foi paraninfo. Ao deixar o local, foi preso por um oficial e levado para um quartel em Niterói. Passou nove dias incomunicável. Assim como ele, outros políticos, artistas, jornalistas e intelectuais considerados perigosos pelo governo foram presos. Muitos, torturados. Alguns, mortos. Quando foi liberado, Juscelino permaneceu um mês em regime de prisão domiciliar.

A experiência na prisão, no entanto, não o incomodou mais do que o fato de ter sido proibido, desde quando retornara do exílio, de visitar Brasília. Só voltou à cidade em ja-

neiro de 1972, por obra do destino. Com a intenção de ver uma boiada, partiu da recém-adquirida Fazenda JK — localizada em Luziânia, a 67km da capital — em um pequeno caminhão guiado por um agrônomo.

Tomado por um impulso, em meio a um temporal, JK muda o rumo da viagem e decide ir até a cidade inventada por ele. Revê o Catetinho, a Praça dos Três Poderes, os palácios do Planalto e da Alvorada, as ruas, o povo. Deslumbrado com a Catedral, que classificou como o símbolo maior da grandiosidade de Brasília. Em meio à mistura de chuva e lágrimas, sente-se "um fantasma em uma cidade real".

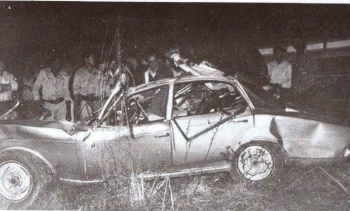
"Meu último desejo, realmente, seria ver o Brasil retornar à normalidade democrática. Mas isso vai demorar muito e eu quero ir embora"

Juscelino Kubitschek

CORREIO BRAZILIENSE

JK

Arquivo/Instituto de Criminalística do RJ



O Opala em que Juscelino Kubitschek viajava chocou-se com uma carreta carregada de gesso

Arquivo/CB/D.A Press



No enterro, Marcia Kubitschek ampara a mãe, Sarah

Os últimos dias de um mito

Com a saúde comprometida, o presidente passou o fim da vida na fazenda que levava seu nome. Em uma das raras ocasiões que saiu de lá, encontrou a morte em um acidente

A saúde do presidente, enquanto ele esteve recluso na Fazenda JK, passou a refletir a angústia e a tristeza que o abateu durante os anos 1970. As provocações passadas no exílio e as adversidades na volta ao Brasil começaram a cobrar um preço alto. Hipertensão, diabético e cardíaco, Juscelino conviveu ainda com uma permanente depressão. O quadro agravou-se depois da desastrosa cirurgia realizada nos Estados Unidos para tratar um câncer de próstata, que gerou desagradáveis sequelas e sensível queda na qualidade de vida.

As viagens ao Rio e o contato com os amigos foram ficando cada vez mais espaçados. O homem extremamente urbano, o presidente que modernizou o país e construiu uma cidade para o automóvel, recolheu-se em um ambiente bucólico e isolado, que o mantinha isolado das novidades tecnológicas, culturais e especialmente dos rumos da política. "A fazenda é o escudo de privacidade, proteção contra convívios desagradáveis, instrumento de liberdade de movimentos e antídoto ao ócio profissional", registra o jornalista Ronaldo Costa Couto no livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*.

Um convite para proferir uma palestra no Clube Nacional, em São Paulo, e a possibilidade de, em seguida, ir ao Rio de Janeiro

animam Juscelino. Em 20 de agosto de 1976, uma sexta-feira, ele deixou o Aeroporto de Brasília rumo à capital paulista. Hospedado na casa do amigo Adolpho Bloch, criador da revista *Manchete*, cumpriu seu compromisso no Clube Nacional na noite de sábado. Na tarde de 22 de agosto, depois de faro alto, seguiu de carro para o Rio. Geraldo Ribeiro, motorista de JK desde os tempos da prefeitura de Belo Horizonte, conduzia o Chevrolet Opala. Cerca de quatro horas depois, Ribeiro perdeu o controle. Atravessou o canteiro central da Via Dutra e chocou-se com uma carreta carregada com 30 toneladas de gesso. JK e os dois motoristas morreram na hora devido ao impacto da batida, que reduziu ambos os veículos a um emaranhado de ferros retorcidos.

A comoção do país com a brutalidade da tragédia despertou dúvidas a respeito do caráter casual do choque. Durante 20 anos, familiares e amigos acreditaram na possibilidade de um atentado ter sido articulado contra o presidente. As investigações, no entanto, nada comprovaram. Depois de feita a autópsia no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, na madrugada de segunda-feira, o corpo de JK foi levado para a sede da Editora Bloch para ser velado. Na manhã seguinte, finalmente, seguiu do Aeroporto Santos Dumont para Brasília.

"Estão querendo me matar, mas ainda não conseguiram"

Juscelino Kubitschek, duas semanas antes de morrer

CORREIO BRAZILIENSE

JK

Brasília chorou

Em 23 de agosto de 1976, como no dia de sua fundação, Brasília parou. Quando o corpo de JK chegou, houve novo velório. Desta vez, na Catedral. Mais de 100 mil pessoas participaram do adeus ao fundador da capital. Depois de celebrada a missa, a multidão seguiu a pé o carro do Corpo de Bombeiros que transportava o caixão. Em vários momentos, foi entoada a canção favorita de Juscelino, *Peixe vivo*, intercalada com gritos de "Viva JK!" e "Viva a democracia!". A emocionante procissão percorreu a capital sonhada e concretizada ao por ele. Às lágrimas, crianças, mulheres e homens de Brasília acompanharam o último passeio de JK pela cidade que fundou, com toda a pompa e o reconhecimento a que tinha direito.

A chegada ao Cemitério Campo da Esperança levou quatro horas. Foi encerrada às 23h40, quando o corpo, carregado pelo povo, foi finalmente sepultado perto do túmulo de Bernardo Sayão — o amigo que abriu uma pista de pouso para que Juscelino pudesse aterrissar no Planalto Central pela primeira vez e admirar o lugar onde construiu Brasília.

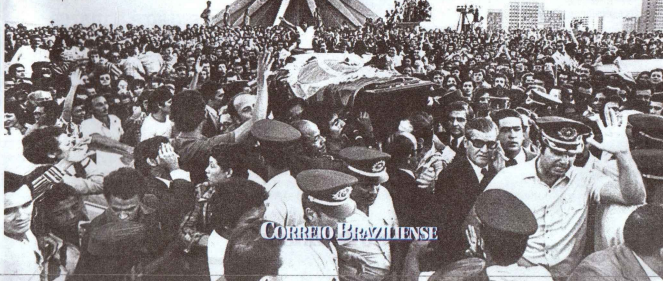
A homenagem ao presidente, defensor intransigente dos valores democráticos, ganhou contornos de protesto contra o regime militar. Diante da emoção que tomou conta do Brasil, o presidente Ernesto Geisel viu-se obrigado a decretar, pela primeira vez, luto oficial de três dias em homenagem a um adversário do regime. A viúva e as filhas sentiram um misto de tristeza e orgulho ao ver o amor e o respeito dos brasileiros pelo marido e pai. Quatro anos mais tarde, o general João Baptista Figueiredo reduziu Juscelino das injustas acusações e punições impostas antes de sua morte.

Em sua última postuma à carta enviada por JK dias antes de sua morte, a amiga Vera Brant descreveu de forma tocante algumas cenas marcadas daquele 23 de agosto. "Rapazes de 15 a 20 anos, ou não eram nascidos ou eram crianças bem pequeninas quando você foi presidente, vinham de motocicleta, com camisas escuras e uma faixa com os dizeres: 'Ao nosso querido Juscelino, nossa gratidão'. Como é que pode? Como é que eles entenderam que esta terra onde pisam, este imenso gramado, este excesso de luz e espaço, estes palácios, estas praças, as avenidas de imensa beleza, eles deviam a você?".

O corpo de JK seguiu para a Catedral até o Campo da Esperança; o presidente Ernesto Geisel decretou três dias de luto

O adeus ao homem que sonhou a capital reuniu pelo menos 100 mil pessoas e entrou para a história como um ato de protesto contra a ditadura

Arquivo CB



CORREIO BRAZILIENSE

JK

JK deixou uma herança de progresso reconhecida até mesmo pelos adversários e lembrada com carinho à medida que se aproximam os 50 anos de fundação de Brasília

Memória viva

A morte de JK e sua volta definitiva a Brasília, concretizada com o enterro no Cemitério Campo da Esperança em 23 de agosto de 1976, coincidiram com o começo da abertura democrática do Brasil. O perdão dado a Juscelino em 1980 pelos militares, que o inocentaram das acusações de corrupção e traição à pátria, veio acompanhado de reconhecimento ao trabalho grandioso por ele realizado na Presidência da República. Em 12 de setembro de 1981, data em que ele completaria 79 anos, foi inaugurado o Memorial JK. O monumento, erguido em apenas 17 meses, bem ao estilo do homenageado, foi concebido por Oscar Niemeyer com a missão de manter viva a história do homem que sonhou, construiu e inaugurou Brasília.

O museu configurou-se, nos anos seguintes, como símbolo da retomada da figura de Juscelino no imaginário brasileiro. Arrancado da vida pública em 1964, ele chegou a ser impedido de visitar a capital. O sistema que governava o Brasil por meio de decretos tinha medo dos projetos e, principalmente, do carisma de JK. Os duros anos do exílio, aos poucos, foram reconhecidos como injustos e cruéis até mesmo pelos adversários. "Juscelino foi a prova personificada de que o regime democrático é viável. Fiz real oposição ao seu governo, sofri as consequências disso, e ele também", declarou Carlos Lacerda, o maior opositor do presidente.

Aos poucos, Juscelino Kubitschek deixou para trás a aura de injustiçado e foi reconhecido como um dos maiores estadistas do Brasil. A ousadia administrativa, marca das gestões como prefeito de Belo Horizonte, governador de Minas Gerais e presidente da República, passou a ser sinônimo de JK. As ideias desenvolvimentistas que tiraram do país o caráter de economia agrícola e o lançaram na era industrial são vistas como algo de vanguarda. Juscelino abriu, enquanto presidente, mais de 13 mil quilômetros de rodovias, desenvolveu a indústria automobilística brasileira e implantou siderúrgicas, deixando, portanto, importante herança.

Sérgio Marques/CB/D.A Press



Inauguração do Memorial JK, em setembro de 1981: local erguido em 17 meses

Em novembro de 1999, recebeu o título O brasileiro do século 20 de um júri composto por 30 personalidades brasileiras de diversas áreas profissionais. Ao longo daquele ano, outras 10 listas elaboradas para eleger o líder mais importante do século confirmaram o nome de Juscelino como vencedor. Às vésperas da comemoração dos 50 anos de Brasília, a memória do presidente que ousou transferir a capital federal do Rio de Janeiro para Brasília continua viva, mais do que nunca.

“O perdão é a marca da grandeza, sobretudo quando se tem em vista um objetivo mais alto”

Juscelino Kubitschek

expediente

Diretor de Redação » Josemar Gimenez » jgimenez.df@diariosassociados.com.br, Editora-chefe » Ana Dubeux » anadubeux.df@diariosassociados.com.br, Editor executivo » Carlos Marcelo » carlosmarcelo.df@diariosassociados.com.br, Editor de Suplementos » Renato Ferraz » renato.ferraz.df@diariosassociados.com.br, Editor de Arte » João Bosco Adelino de Almeida » joaobosco.df@diariosassociados.com.br, Editor de fotografia » Luís Tajés » luistajes.df@diariosassociados.com.br, Edição » Mariana Ceratti » marianaceratti.df@diariosassociados.com.br, Textos » Thais Ciegliniski, especial para o Correio; Revisão » Gabriela Costa